

EDUCAÇÃO

V.12 • N.3 • Publicação Contínua - 2025

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2025v12n3p234-251



AS DIMENSÕES DA ETNOCENOLOGIA VIRTUAL DAS APRENDIZAGENS JUVENIS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

THE DIMENSIONS OF VIRTUAL ETHNOCENOLOGY OF YOUTH
LEARNING ON DIGITAL SOCIAL NETWORKS

LAS DIMENSIONES DE LA ETNOCENOLOGÍA VIRTUAL DEL
APRENDIZAJE JÓVENES EN LAS REDES SOCIALES DIGITALES

Vinicius Silva Santos¹

Henrique Nou Schneider²

Jacques Fernandes Santos³

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo refletir sobre as dimensões das aprendizagens etnocenológicas, como resultado das performances e narrativas juvenis por meio dos dispositivos digitais e sua relação com os processos de aprendizagens na contemporaneidade. Essa investigação se baseou numa abordagem qualitativa de pesquisa, fundamenta-se ainda na Sociologia do Cotidiano e nos estudos da Etnocenologia. Os participantes dessa pesquisa foram dez jovens com faixa-etária entre 18 e 29 anos de idade, que atuam em coletivos juvenis (Net-ativistas), situados no estado de Sergipe. Os principais dispositivos de produção dos dados foram: diário de itinerância, memorial narrativo, entrevistas livres ou não-estruturadas e narrativas digitais. Os resultados desse estudo permitem afirmar que as aprendizagens etnocenológicas protagonizadas por jovens nas redes sociais digitais se baseiam em ações colaborativas, engajadas, criativas e politicamente preocupadas com a dimensão da vida humana e com os modos de produção e partilhas de conhecimento que sejam coletivas e solidárias.

PALAVRAS-CHAVE

Aprendizagens; Culturas Juvenis; Redes Sociais; Dimensões.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the dimensions of ethnocenological learning, as a result of youth performances and narratives through digital devices and their relationship with learning processes in contemporary times. This research was based on a qualitative research approach, also grounded in the Sociology of Everyday Life and Ethnocenology studies. The participants in this research were ten young people aged between 18 and 29 years old, who work in youth collectives (Net-activists), located in the state of Sergipe. The main data production devices were: itinerary diary, narrative memorial, free or unstructured interviews and digital narratives. The results of this study allow us to affirm that ethnocenological learning carried out by young people on digital social networks is based on collaborative, engaged, creative and politically concerned actions with the dimension of human life and with modes of production and sharing of knowledge that are collective and supportive.

KEYWORDS

Learning; Youth Cultures; Social Networks; Dimensions.

RESUMEN

Este artículo pretende reflexionar sobre las dimensiones del aprendizaje etnocenológico, a partir de las performances y narrativas juveniles a través de dispositivos digitales y su relación con los procesos de aprendizaje en la contemporaneidad. Esta investigación se basó en un enfoque de investigación cualitativo, fundamentado también en estudios de Sociología de la Vida Cotidiana y Etnocenología. Los participantes de esta investigación fueron diez jóvenes, con edades entre 18 y 29 años, que trabajan en colectivos juveniles (Net-activistas), ubicados en el estado de Sergipe. Los principales dispositivos de producción de datos fueron: diario de itinerario, memorial narrativo, entrevistas libres o no estructuradas y narrativas digitales. Los resultados de este estudio permiten afirmar que el aprendizaje etnocenológico realizado por jóvenes en las redes sociales digitales se basa en acciones colaborativas, comprometidas, creativas y políticamente preocupadas con la dimensión de la vida humana y con modos de producción y intercambio de conocimientos colectivos y solidarios.

PALABRAS CLAVE

Aprendizaje; Culturas Juveniles; Redes Sociales; Dimensiones.

1 INTRODUÇÃO

É extraordinário (etnocenológico) entender que, as experiências vividas por jovens no intercruzamento com as tecnologias digitais, colocam em destaque a necessidade de repensar o fazer pedagógico, o papel das instituições educativas e dos mediadores de aprendizagens. De igual modo, é revelador, acompanhar a naturalização das experiências criadas no interstício das “culturas digitais”, como sendo fundamento para a criação de novas práxis pedagógicas. No limar das culturas digitais, os jovens são porta-vozes de uma portabilidade e anunciam outras lógicas de produção de saberes: compartilhados, colaborativos, em rede, com o uso dos dispositivos digitais, coletivos.

Paralelo a isto, torna-se cada vez mais evidente, o processo de não significação das instituições escolares, ancoradas em práticas instrumentalistas ou conteudistas que não colaboram para criar outras maneiras de se relacionar com os saberes e conhecimentos. Uma escola que não consiga promover a criatividade, a colaboração e a partilha com seus pares, certamente se afasta corriqueiramente de produzir significado a uma geração de crianças e jovens, seduzidos por linguagens líquidas, multifacetadas e convergentes.

Atraem os sentidos e desejos, produzindo em paralelo à cultura da escola, um território extraordinário, onde são experimentadas suas habilidades. Trabalhar com os dispositivos das culturas digitais móveis vai além da sua incorporação como sendo uma nova metodologia, sendo necessário desapegar-se das noções de transmissão de conteúdos, mais que isso, envolve reconhecer os indivíduos como praticantes culturais, que produzem saberes compartilham opiniões, informações e conteúdos nas redes digitais.

Logo, a reinvenção das instituições escolares no tocante ao ato de educar envolve primeiramente, escutar as vozes e linguagens que estão sendo produzidas pelos jovens, mas não somente por eles, que ressaltam as performances comunicacionais na cibercultura. Esse trabalho tem como objetivo compreender como as ações e as mediações dos jovens nos coletivos juvenis, nas redes sociais digitais, fazem emergir dimensões das aprendizagens etnocenológicas capazes de deslocar o fenômeno educacional por meio de experiências em redes capazes de potencializar as experiências coletivas, partilhadas e engajadas com saberes e conhecimentos mobilizados a partir de ações comunicacionais. Os resultados desse trabalho fazem parte dos achados da pesquisa de doutorado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

2 HORIZONTES METOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia de pesquisa é **qualitativa** e considera a **multirreferencialidade** como aporte epistêmico privilegiado, sobremaneira, buscando por um rigor outro na investigação qualitativa, conforme elucida Macedo (2009). Nesse mesmo caminho, esse estudo se situa no campo da abordagem **qualitativa de pesquisa**. Como destaca Galeffi (2009) numa pesquisa qualitativa não se pode dei-

jar de lado a totalidade de fatores, tal como, a natureza sociológica, antropológica e ecológica que cercam os conhecimentos de natureza humana. **Os atores/atrizes sociais envolvidos nesse estudo foram dez jovens com idade entre 18 e 29 anos.**

A escolha desses atores/atrizes sociais juvenis observou os seguintes critérios: engajamento e atuação em coletivos juvenis de net-ativismo no Estado de Sergipe, utilização dos dispositivos digitais para imergir, interagir e mediar aprendizagens socioculturais em rede, participação nas culturas digitais, por meio de ambiências coletivas de solidariedade (virtuais e presenciais), criação e atuação em performances estéticas, corporais e lúdicas ligadas aos jovens. Os principais **dispositivos de produção de dados** utilizados durante a pesquisa foram: Diário de Itinerância (app-diário), Memorial Narrativo, Entrevistas Livres ou Não-Estruturadas e Narrativas Digitais.

A interpretação dos achados da pesquisa e análise dos dados levaram em consideração as dinâmicas de interação com os jovens participantes, tomando como norte as suas narrativas e performances com a utilização dos dispositivos digitais e priorizando a utilização de uma análise que se aproxima da ideia de **bricolagem artesanal** com intuito de descrever as principais **noções subcunçoras** descobertas no decorrer da investigação.

3 APRENDIZAGENS EXTRAORDINÁRIAS COM OS DISPOSITIVOS DIGITAIS: TECENDO SABERES CRIATIVOS QUE MOBILIZAM O COTIDIANO NOS COLETIVOS JUVENIS

A etnocienologia virtual da aprendizagem contemporânea se pauta numa lógica polissêmica e compreende um conjunto de discussões e reflexões, partindo da ideia central que não é possível mais situar a aprendizagem enquanto resultado de uma instância cognitiva-sensitiva, gestada em relações presenciais de convívio, o processo de afecção da aprendizagem virtual, por meio das partilhas juvenis nos espaços multimodais e híbridos que dão novos sentidos às formas de engajamento, conexão e criatividade, rompem com a norma comumente analisada em espaços de interação convencional.

Segundo Bião (2007) a etnocienologia se relaciona ainda com os “estudos dos comportamentos humanos espetacularmente organizados” Pode ser considerado espetacular, aquilo do ponto de vista de um espectador, provoca uma atitude de estranhamento. A nosso ver, os fenômenos das comunicações juvenis nas redes (presenciais e online) (olhando os variados coletivos e suas ações cotidianas) fazem parte das performances etnocienológicas das interações humanas nas redes que fazem surgir outras formas de pensar à vida e as aprendizagens, inclusive no tocante à educação institucionalizada.

Encontra significado e orientação numa dimensão sociocognitivista, especialmente na natureza sociocultural desenvolvida por Vygotsky (1994) que, toma como fecundo, o terreno das interações socioculturais estabelecidas pelos indivíduos com os distintos objetos. Nesse escopo, as mediações dos atores/atrizes nas redes, suas intervenções com outras pessoas em projetos e ações endossam a noção a aquisição da aprendizagem por meio da zona de desenvolvimento proximal – ZDP. Cabe mencionar que o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos resulta das diferentes atividades sociais que

priorizam a internalização de conceitos prévios nas interações partilhadas. Basta recordar que o desenvolvimento proximal envolve a aquisição de um conhecimento real e potencial.

No contexto das organizações aprendentes, descritas por Assmann (2003) as aprendizagens ocorrem por meio de interações coletivas, culturais, lúdicas e sociais. Merece destaque sua definição sobre organizações híbridas, sendo aquelas que envolvem os seres humanos e máquinas aprendentes. Na atualidade, o envolvimento dos atores sociais com os elementos das culturas digitais, sobremaneira, a interação entre eles/elas nessas ambiências, aos poucos, demonstra que as experiências socioeducativas formam novos arranjos baseados em organizações ecológicas e flexíveis, conforme estudos de Di Felice (2017), Santos e Schneider (2020), Meffesoli (2017) e Lévy (2017).

Perguntados sobre as principais formas de aprendizagens relacionadas às experiências, participando dos coletivos Net-ativistas, os/as jovens relatam questões bem diversas, sendo muito relevante o modo como eles/elas destacam a dimensão humana e o sentido social da aprendizagem. É possível destacar a existência de três dimensões igualmente importantes, quais sejam: o caráter político, a convivência com os pares juvenis, o desenvolvimento de habilidades para trabalhar com ferramentas de edição e criação de imagens, além do aprendizado humano, o respeito e a escuta. Vejamos:

No coletivo, aprendemos muito a escutar as pessoas, a entender e a interpretar muito bem, até porque, novamente eu cito Exu, Exu lida com a fala, aquilo que deve ser dito deve ser muito bem dito e aquilo que é escutado deve ser muito bem escutado para não causar má interpretação, se você não cuidar muito bem da fala e da audição você pode causar confusão, porque só basta você interpretar errado que você já causa uma confusão. Então a gente tem muito essa atenção de escutar bem as pessoas, respeitar as pessoas. (Breno Loeser, 27 de março de 2021).

Então aprender a lidar com pensamentos diferentes, a tentativas de fazer um consenso, então muito dificilmente a gente decidia as coisas por votação, era sempre uma tentativa de chegar a um lugar comum. Conhecer outras realidades eu acho que é o principal. (Leticia, 25 de março de 2021).

Eu acho que o que eu mais aprendi nos caatingas é a relação com o outro. A gente entendeu que os caatingas ele não é nosso, os caatingas ele é do povo. A relação é muito isso, tá em contato com outros e obviamente saber entrar com as discussões políticas, sociais e não podar a voz de quem fala. (Lucas, 22 de março de 2021).

Aprender a trabalhar em coletivo coloca em destaque uma forma singular de pensar colaborativamente as ações que são projetadas e desenvolvidas. Nas ações de intervenção que implementam nas comunidades, o critério do engajamento e da reponsabilidade com o outro, se destacam como sendo um caminho para oportunizar aprendizados.

Outros jovens destacam ainda o desenvolvimento de habilidades relacionadas à comunicação, para eles/elas, o coletivo e as ações vividas nestas ambiências ajudam a desenvolver o seu perfil, a exemplo de Daniel-Levante que destaca a quebra da vergonha e a desenvoltura em fala com público,

adquirida nas intervenções, quando era solicitado a participar à frente, nas suas palavras são um constante processo, onde “[...] A gente tá sempre desafiando as pessoas a falarem em público, a se colocarem, a fazerem espaços de intervenções. O processo de falar com, de falar ao redor, de parar para ouvir, entender e compreender a ideia do outro” (Daniel-Levante, 31 de março de 2021).

Para isso, é preciso investir na complexificação dos sentidos, no hibridismo das experiências de aprendizagens (com e sem a tecnologia, nas redes, mas também nas ações humanadas em ambiências potenciais (reais e virtuais), com os usos dos corpos, como sendo uma criação e natureza rizomática, como já foi explorado por autores como Deleuze e Guattari (2004), Assmann (2003) e Gallo (2008). É preciso pensar em experiências etnocenológicas de aprendizagens, que sejam extraordinárias, convergentes e em redes de colaboração presenciais e online.

Em outra direção, as aprendizagens vividas nos coletivos expressam algumas noções importantes, quais sejam: a) construção de laços de partilha e aprendizagens pautadas no desejo e na paixão por descobrir o novo; b) que utilize as TDIC como potência, se desapegando dos julgamentos morais que convencionam um certo status para o uso dos aparelhos e dispositivos digitais; c) que faça prevalecer o desejo da experiência pela experiência, como sendo um momento de descoberta, conflituoso, prazeroso e inovador; d) que utilize os dispositivos tecnológicos digitais ubíquos disponíveis ao alcance da mão para aprender-ensinar-aprender coletivamente; e) que leve em consideração a performatividade das culturas juvenis como caminhos para potencializar as aprendizagens, fora e dentro da escola.

A seguir, são apresentadas e analisadas experiências criadas pelos/pelas jovens, por intermédio dos seus coletivos de atuação e como estas, sinalizam caminhos de aprendizagens, tecidos e potencializados “nas redes e nas ruas”, conforme mencionam os/as jovens, nos diferentes espaços de engajamento do fazer juvenil que se mesclam, dependendo do objetivo e da proposição que nos ajuda a entender e situar o fenômeno das aprendizagens etnocenológicas.

4 AS DIMENSÕES DAS APRENDIZAGENS ETNOCENOLÓGICAS INTERVENCIONISTAS NAS REDES

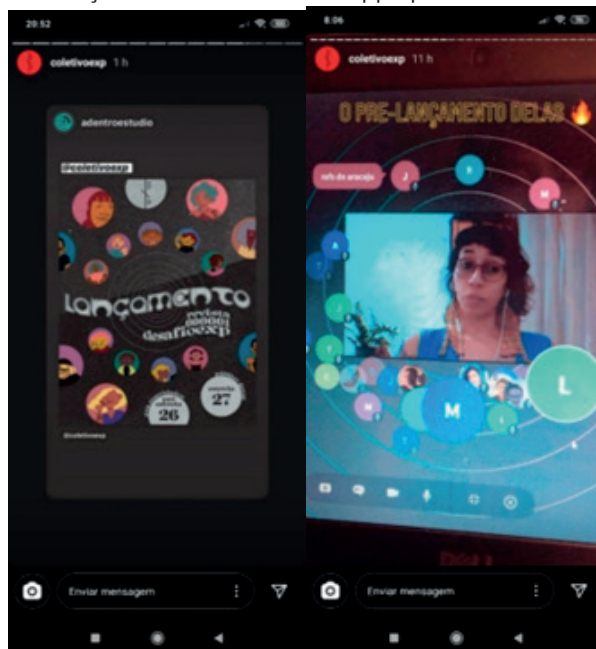
Um olhar cuidadoso sobre as performances dos/das jovens nos coletivos pesquisados permitiu exprimir os sentidos e apontar caminhos de entendimento e compreensão das aprendizagens etnocenológicas (extraordinárias) nas redes e nas ruas. Nessa imersão investigativa emergem algumas dimensões das aprendizagens etnocenológicas nas redes, sendo elas: **a) dimensão colaborativa, b) dimensão criativa, c) dimensão da solidariedade, d) dimensão política, f) dimensão de engajamento.**

Desse ponto de vista, as aprendizagens estão imbricadas com os fenômenos da interação, conectividade, instantaneidade, mobilidade e colaboração, características essas que demarcam a emergência de uma **etnocenologia do virtual**, própria do tempo presente. No âmbito da **dimensão colaborativa**, as experiências criadas pelos/pelas jovens, participantes da pesquisa, indicam algumas análises sobre o uso, apropriação e desenvolvimento de aprendizagens coletivas.

As tecnologias digitais interativas possibilitaram aos atores/atrizes sociais juvenis, a criação e vivência de espaços de colaboração online. Não obstante, no dia 27 de julho de 2021, o Coletivo EXP

(@coletivoexp) fez o lançamento da revista virtual com a composição de obras de vários artistas que participaram do desafio de arte EXP. Os interessados puderam adquirir os ingressos no site de eventos *Sympla*. A experiência começou às **20:20h** do dia 27.07.2021, contou em média com a participação de 25 pessoas, artistas, autores/autoras e interessados na temática que puderam acompanhar as narrativas em três espaços, dentro do aplicativo *Spetial Chat*.

Imagens 1 e 2 – Evento de Lançamento da Revista no App Spetial Chat



Fonte: @coletivoexp, 27 de julho de 2021.

É importante destacar que a proposta desta ação foi o resultado de outras experiências desenvolvidas durante a semana que antecedeu o evento. Havia mais de uma semana que os membros do coletivo EXP, nas suas redes e na conta oficial do coletivo no Instagram vêm promovendo e engajando pessoas com a divulgação dessa performance virtual. Outros detalhes são igualmente importantes, a exemplo da ideia de ritual conectivo juvenil as proposições nas redes de pertencimento.

A noção de compartilhamento de ideias e da criação, traços característicos do coletivo EXP e dos jovens contemporâneos que convivem nessas ambiências cotidianas de criações, invenção e aprendizagem. Schneider, Conceição e Soeira (2020) destacam que a aprendizagem colaborativa com o uso dos diferentes aplicativos ou ambiências virtuais são importantes recursos didático-pedagógicos pautados na interação, inovação e colaboração em redes.

Nesses rituais de engajamento por sensibilidade as tecnologias informáticas, os dispositivos digitais, seus inúmeros formatos e écrans conectados em redes, pessoas desterritorializadas no tempo-espaço, mas unidas por princípios, ideais comuns e sentimentos comuns mobilizam-se na internet, baseados numa temporalidade que pode variar, dependendo da ação, intuito ou proposta. Outra experiência de colaboração e aprendizagem realizada pelos/pelas jovens do Coletivo EXP (@coletivoexp), durante o período da pesquisa, foram os programas de rádio, em parceria com a Rádio Bueiro (@radiobueiro). As transmissões ocorreram por meio do aplicativo Mixlr que permite a transmissão de áudios ao vivo por meio do serviço de streaming.

Percebe-se que as experiências do Coletivo EXP envolvem além da dimensão colaborativa, o uso da dimensão criativa, mas para falar dessa destaca-se as performances nas redes, a criação do jovem Breno Loeser (@brenoloeser), do Coletivo Léguas, se destaca pelo trabalho de criação como design, cheio de cores, tons e traços característicos do universo de religião de matriz africana, o candomblé. Esse filho de terreiro e cientista religioso é muito expressivo em suas performances nas redes.

Nestes cenários, as criações do Breno Loeser que, a partir da criação digital de imagens vai compondo cada traço de sua arte digital chama atenção pela diversidade de cores e a representação da diversidade religiosa, especialmente ao retratar o universo do candomblé, sua filiação religiosa, deixando transparecer o seu processo criativo que envolve um ritual muito característico de criação. Ele vai pincelando virtualmente com o pincel digital, mescla cores, intensidades, movimentos e cria imagens visualmente impressionantes.

Imagens 3 – Criações artísticas de Breno Loeser



Fonte: @brenoloeser, dia 11 de junho de 2021.

Imagens 4 – Criações artísticas de Breno Loeser



Fonte: @os_caatingas, dia 02 de junho de 2021.

Outra jovem, a Luli, utiliza as redes, deixando transparecer características da **dimensão criativa** para disseminar sua arte, a fotografia. Por meio da lente busca compartilhar com seus seguidores cenas do cotidiano, sua relação com os animais e com diferentes paisagens. Muito descontraída, a fotografa também brinca com cenas, expressões da sua realidade. Durante a entrevista, Luli destacou que a fotografia é a principal arte de lhe atrai, muito embora também se permita pintar e criar outras formas de expressão visual. Para além dos perfis dos/das jovens-performers, no contexto dos coletivos pesquisados em Sergipe, se notou durante a pesquisa a criação de eventos, ações e intervenções, tendo como mecanismo de mobilização a arte.

Nesse sentido, com a deflagração da pandemia, o Coletivo EXP (@coletivoexp) criou o desafio EXP de arte, tendo como objetivo expor o resultado do processo de criação de qualquer pessoa que topasse participar da ação. O desafio consistia em criar um produto artístico baseando-se num tema prévio, utilizando de diferentes expressões de arte, tendo que postar na rede social marcando o perfil do coletivo. Muito jovens participaram da ação, a exemplo de Breno, se permitiram fazer parte do desafio proposto pelo coletivo EXP, deixando transparecer essa relação em rede, surgida por atração e mediada por interesse comum.

Na esteira dos acontecimentos, o jovem pesquisado Breno foi contratado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF que teve acesso ao seu trabalho por meio das redes sociais. A ambientação artística do evento com a assinatura artística de Breno Loeser foi simplesmente potente! Consultado sobre a experiência de criação e a repercussão nas redes, o jovem descreveu que:

Fiz duas ilustrações, a ONU compartilhou as duas, eles viram especificamente uma postagem, o pessoal da Unicef, que eu fiz que é brinque em casa, né? Era uma ilustração que eu tinha feito de Logun Edé (orixá caçador) fiz algumas modificações e coloquei o fique em casa e eles adoraram! O pessoal da UNICEF viu esse desenho lá na ONU e gostou muito e aí como eles iam fazer esse festival, eles falaram “é a cara do evento que a gente quer”. (Breno, 29 de julho de 2020).

Da observação sobre o fazer arte digital por Breno, emergem as seguintes análises: São: a) Arte-propositiva, pensando na diversidade de enredos que fazem parte dos seus elementos criativos; b) “Arte-vismo”, baseada nas crenças e na ancestralidade de sua religião, respeitando todas as outras expressões; c) Arte-expressão, envolvendo os usos de cores vibrantes, cujos enunciados captam as percepções dos atores/atrizes que não apenas contemplam, mas, sobremaneira, se identificam e virtualizam com seus referenciais, negociando o surgimento de outras compreensões de mundo; d) Arte-performances, com elementos de visualização, imprevisíveis que, mesmo sendo pensadas ou planejadas são tensionadas por improvisações artísticas, fluidas e constantes.

Além disso, o coletivo caatingas lançou uma série de postagens atentando para os cuidados durante o isolamento, deixando registrado a presença da **dimensão da solidariedade**. Desse conjunto, destaca-se a campanha “Cuide-se: saúde mental em tempos de cuidado social, criada pelo coletivo e divulgada pelos participantes do coletivo, a exemplo de Lucas (@olucasmaya), com o intuito de orientar as pessoas a adotarem hábitos que favorecem o bem-estar e o equilíbrio.

Imagens 05 e 06 – Ações solidárias nas redes durante o isolamento

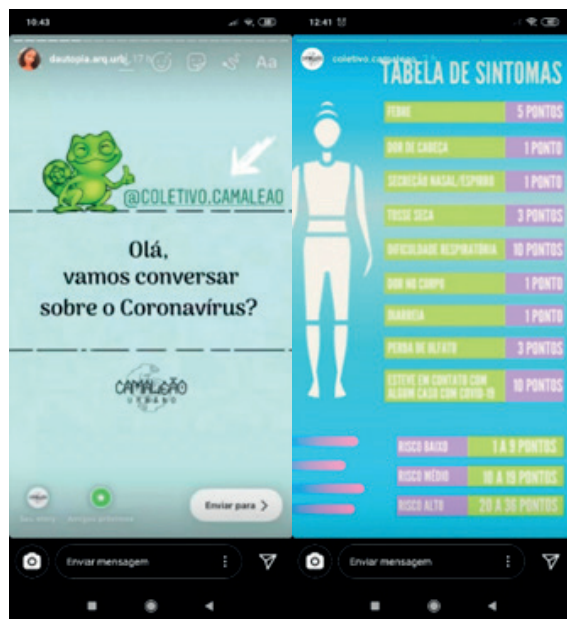


Fonte: Print de tela, no modo pessoal de @os_caatingas. 16 de julho de 2021.

Ainda durante a pandemia, outro coletivo desenvolveu uma ação social muito interessante durante o isolamento social, o Levante da Juventude em Sergipe encabeçou uma campanha de arrecadação de materiais de alimentação e limpeza para ajudar às comunidades periféricas. A ação consistiu na arrecadação de itens e dinheiro (vaquinha virtual, doação direta) destinando cestas às famílias de bairros periféricos. Ação se chamou “Quarentena com direitos” e ocorreu na ocupação Cabrita em no município de São Cristóvão-Sergipe. Envolvido com a ação, o jovem Daniel-Levante faz parte dos atores/atrizes que estavam mobilizados na campanha, inclusive atuando presencialmente. Novamente, vemos aqui o uso de **dimensão de solidariedade**, como sendo um mecanismo usado para intervir não só nas redes.

Na esteira dos acontecimentos, o coletivo camaleão apresentou logo no início da pandemia uma série de postagens com o tema: compartilhando ideias, cujo o objetivo consistiu em informar e engajar a população sobre os riscos e cuidados necessários para o enfrentamento do novo coronavírus. Foram debatidos os seguintes temas nas redes do coletivo: a) Olá, vamos conversar sobre o coronavírus? (28.03.2021). b) Coronavírus: como se espalha no mercado (01.05.2021), c) Eficiência de máscaras caseiras na proteção do vírus (04.05.2021), d) Tabelas de sintomas (04.05.2021), e) Crianças e adolescentes: da violência em tempos de coronavírus (09.05.2021). Abaixo, estão dispostas imagens dessas ações:

Imagens 7 e 8 – Informativos do Coletivo Cameleão sobre o coronavírus



Fonte: @dautopia.arq.urb. 02 de maio de 2021

Não obstante, o papajaca manteve diariamente um boletim com as principais informações da pandemia da COVID-19 no estado de Sergipe, especialmente atualizando os dados no município de Lagarto, como também cobrando das autoridades locais repostas sobre a instalação de barreiras sanitárias, leitos de UTI etc. Com chamadas urgentes, o papajaca e o jovem Daniel Prata mantiveram um serviço de informação à população lagartense. Nota-se que, a **dimensão política** já explorada pela maioria dos jovens pesquisados nas suas redes e nas ações dos coletivos, como visto em outras passagens do trabalho, consiste numa forma de construção, debate, disseminação de informação e engajamento com assuntos e pautas relevantes aos jovens e a sociedade.

Linhares e Linhares (2018) problematizam as dicotomias nas relações de uso das tecnologias digitais, apontam que os meios tecnológicos contribuem para a conscientização política dos sujeitos, permitindo o aprofundamento de temas e situações envolvendo a realidade social, sendo prioritário pensa no papel da escola das instituições comprometidas com o esclarecimento. Essa relação de proximidade pode culminar em ações de mobilização e transformação. Emergem dessas relações coletivas o fazer juvenil em suas comunidades, sendo esse um dos caminhos alternativos de emancipação.

Associado a este tema, numa postura interseccional, as/os jovens dos coletivos, trouxeram para centro do debate e de suas ações, a questão da negritude e o culto das religiões africanas. Estamos diante de performances com características da **dimensão de engajamento**, associadas à **dimensão política**. Essas dimensões se mostram próximas, pois as atividades mobilizadas nas redes possuem claramente uma natureza política. As/os jovens Dauane, Jorge, Lucas, Breno Loeser e Letícia deixam expresso a sua identificação como sendo negros, fazendo questão de mencionar nas suas falas e posturas essa orientação. De maneira mais específica, os coletivos Caatingas (@os_caatingas), Quilombo Sergipe (@quilombose) e o Coletivo Lêgua (@coletivolegua), desenvolvem práticas de empoderamento negro.

Diariamente, os/as jovens tocam em assuntos como preconceito de raça, desigualdades e violência em função da cor da pele, as dificuldades de acesso à educação. Outros temas como emprego e cultura também estão presentes nas postagens. Se nota o cultivo de uma ambiência de interação, onde é possível observar a importância da representatividade negra nos diversos setores da sociedade. Ainda nesse sentido, o Coletivo Caatingas (@os_caatingas) destaca e cultiva o empoderamento periférico, especialmente no trabalho com os jovens.

Imagens 9 – Ativismo negro e implicação política nas redes



Fonte: @olucasmaya, dia 20 de abril de 2021.

Imagens 10 – Ativismo negro e implicação política nas redes



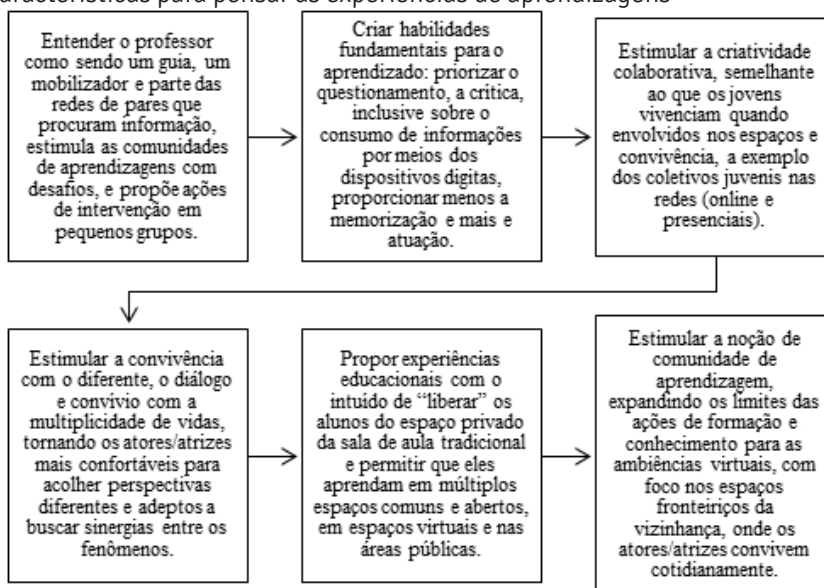
Fonte: @brenoloesser, dia 16 de julho de 2021.

Nesse caminho, nas postagens de Jorge (@jorgejr.une), membro do coletivo Quilombo Sergipe (@quilombose) se nota com frequência a divulgação de personalidades negras como forma de afirmar e apresentá-las e divulgar nas redes. No dia 13 de maio, nas redes sociais digitais do coletivo quilombo foi demarcado, a ideia sob a qual, a abolição se deu em função das lutas dos povos negros, desconstruindo a narrativa histórica de abolição vivenciada no Brasil, com a demarcação da lei áurea.

Essas performances e as narrativas disseminadas nas redes, deixam transparecer uma postura de posicionamento crítico sobre distintos assuntos, indo além, colocam em evidência o cultivo de um fazer interdisciplinar e a necessidade de aproximá-los dos cotidianos, que seja numa dimensão de convívio, ou nas experiências de ensino e aprendizagens. Solicitam mediações e posturas mediadoras que interliguem pontos, fatos históricos e acontecimentos e corroboram para a formação humana.

Em primeira e última instância, é possível colocar com pauta, tomando os fenômenos da etnoceologia virtual das aprendizagens, a emergência de práxis implicadas, cuja natureza se ancora numa pedagogia situada no engajamento das experiências socioculturais, retroalimentada por fluxos de informação. Desse ponto de vista, a educação no contexto das aprendizagens etnocenológicas compreende o cultivo de algumas características capazes de redimensionar o cotidiano e as experiências entre os pares aprendizes. Vejamos abaixo:

Figura 1 – Características para pensar as experiências de aprendizagens



Fonte: organização dos pesquisadores (2021).

Nesse percurso, as vivências dos/das jovens são instintivamente culturais, capazes de mediar a produção de novos saberes e conhecimentos. Nas concepções de Giroux (2013) a ressignificação da prática cultural pressupõe a superação de uma visão instrumental, sendo necessário desenvolver

habilidades que envolvam a história, a política, o poder, a cultura. Mais que nunca, tal como afirma ao autor, a escola transcende os muros, com o trocadilho e a atualização que nos permite o tempo atual, se expande nas redes e fluxos, onde o fazer coletivo implicado, faz surgir performances etnocenológicas das aprendizagens intervencionistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender pressupõe o convívio e envolvimento com diferentes linguagens e pares sociais que podem e estão engajados em experiências on-line. Mais que isso, reflete a capacidade de expandir as experiências de comunicação nas redes, criando uma atmosfera de atração, partilha e interatividades entre pares que formam células de compartilhamento de informações, saberes e conhecimentos. Além disso, pressupõe que partilha em rede tem como fundamento princípios como solidariedade, respeito, confiança e colaboração.

Assim sendo, o desafio posto no atual momento da experiência humana, tomando o exemplo das culturas juvenis, consiste na possibilidade de reinventar os modos de se entender e propor formas de aprendizagens capazes de abrigar o cruzamento de pessoas, objetos e espaços-tempos virtuais que despertem o desejo, o envolvimento e a paixão de aprender junto com o outro. A educação nesse sentido é resultante do fluxo de relações e interações entre os jovens, as informações e os espaços de virtualidade que compõem cenários partilhados que medeiam aprendizagens.

Como proposição, a partir da experiências e ações dos/das jovens, é possível destacar a possibilidade de experimentar formas de educação, com o uso dos dispositivos das culturas digitais. Nesse sentido, é possível pensar na coletividade como sendo uma premissa muito importante para os/as jovens. Nas redes de convivência coletiva, pensar coletivamente envolve escutar, partilhar, o fazer junto com foco numa intervenção. Desse modo, a experimentação de uma performatividade juvenil pressupõe pensar a educação como sendo uma prática plural, capaz de usar as diferentes tecnologias do corpo para oportunizar experiências lúdicas, estética e éticas, inclusive com o uso das tecnologias digitais.

No fazer cotidiano, presencial ou virtual, o uso do teatro, das artes em toda a suas múltiplas facetas é caminho fecundo para tornar a educação significativa, cultivando o desejo, o desenvolvimento de habilidades nos atores/atrizes que mediam às aprendizagens. Com base nisso, a emergência da aprendizagem ou das aprendizagens (etnocenológicas) envolve entender o cotidiano como sendo oportuno para formar atores/atrizes com os diferentes objetos, dispositivos e artefatos tecnológicos, percebendo e cultivando a importância das linguagens e culturas que são formadas nos cenários não formais, porém formativos de saberes que potencializam os conhecimentos acumulados ao longo da vida-formação.

Por tudo isso, é preciso compreender a formação dos cenários de protagonismos juvenis, situados nas redes de comunicação e interação ativistas e como estes se constituem como ambiência potenciais para o desenvolvimento da cognição e aprendizagem, ocorridas por meio das experiências socioeducativas, demarcadas pela inserção, utilização e formas criativas de produzir, disseminar o conhecimento por dispositivos comunicacionais nesse limiar.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: RJ: Vozes, 2003.
- BIÃO, A. Um trajeto, muitos projetos. *In*: BIÃO, A. (org.). **Artes do corpo e do espetáculo**: questões de etnocenologia. Salvador: P&A, 2007.
- GALLO, S. **Deleuze e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. V. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: 34, 2004. 2ª reimpressão.
- DI FELICE, M. **Net-ativismo**: da ação social ao ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017.
- GIROUX, H. A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- LÉVY, P. A esfera pública no século XXI. *In*: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (org.). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas, SP: Papirus, 2017.
- LINHARES, R. N.; LINHARES, M. C S. da. Educação e comunicação na sociedade digital: luz e sombras que espelham as vias dicotômicas entre regulação e a emancipação. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 23, p. 245-268, 2018.
- MACEDO, R. S. As luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. *In*: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MAFFESOLI, M. Net-ativismo: do mito tradicional à cibercultura pós-moderna. *In*: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (org.). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas, SP: Papirus, 2017.
- SANTOS, V. S.; SCHNEIDER, H. N. Mediações-lives e Aprendizagens Etnocenológicas por Jovens com os Dispositivos Digitais, durante a Pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Informática na Educação** - RBIE, v. 28, p. 892-908. DOI: 10.5753/RBIE.2020.28.0.892, 2020.

SCHNEIDER, H. N.; CONCEIÇÃO, Sheilla Silva da; SOEIRA, E. R. Sala de aula estendida: construção colaborativa do conhecimento no ciberespaço. *In*: LUCENA, Simone; NASCIMENTO, Marilene; BOA SORTE, Paulo (org.). **Espaço de aprendizagem em redes colaborativas e na era da modalidade**. Aracaju: EDUNIT, 2020.

1 Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. É Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe -UFS. E-mail: vinnymil@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3659-9479>

2 Doutor em Engenharia da Produção e Sistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na área Mídia e Conhecimento; Mestre em Computação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na área Banco de Dados; Bacharel em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor com mais de 40 anos de experiência no Instituto Federal de Sergipe e na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: hns@terra.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2354-576X>

3 Doutor em Educação. Mestre em Gestão do Desenvolvimento Sustentável. Especialista em Docência do Ensino Superior e Gestão Empresarial. Graduado em Administração e Pedagogia. E-mail: jacquesfs@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9515-7120>

Recebido em: 5 de Maio de 2025

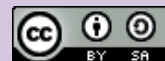
Avaliado em: 19 de Junho de 2025

Aceito em: 8 de Julho de 2025



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Educação



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-CompartilhaIgual CC BY-SA

